



Presente, embora longe.

A solidariedade familiar de migrantes da comunidade rural de São Miguel (RS)

Sílvio Marcus de Souza Correa

Sílvia Maria Giuliani

Resumo: Diferente da migração de jovens da sociedade pós-industrial, a migração dos jovens brasileiros é menos uma “escolha individual”. Uma pesquisa recente (2003), realizada com jovens e adultos negros da comunidade rural de São Miguel, na região central do Rio Grande do Sul (Brasil), mostrou que um dos motivos principais da migração é melhorar as condições não apenas de quem parte, mas também de quem fica. Em busca de melhores chances para si e para seus familiares, muitos jovens negros partiram e partem dessa comunidade rural. A migração não significa, contudo, um rompimento com o local e a comunidade de origem. Ao contrário, ela confere aos jovens de hoje e de outrora uma enorme responsabilidade frente à comunidade rural devido à solidariedade familiar que

envolve todas faixas etárias numa rede de papéis mútuos. Essa migração de jovens negros faz parte de um *modus vivendi* da comunidade rural de afro-brasileiros já dependente estruturalmente das remessas dos seus egressos. Apesar dos anos, a solidariedade familiar dos membros desta comunidade se mantém, pois os migrantes adultos, que partiram à época de sua juventude, cultivam laços com sua região e comunidade de origem.

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a migração de jovens enquanto escolha racional coletiva, acentuando as suas limitadas condições de avaliação das condições estruturais da sociedade de acolhimento para o sucesso de seus jovens.

Palavras-chave: migração, solidariedade familiar, jovens afro-descendentes

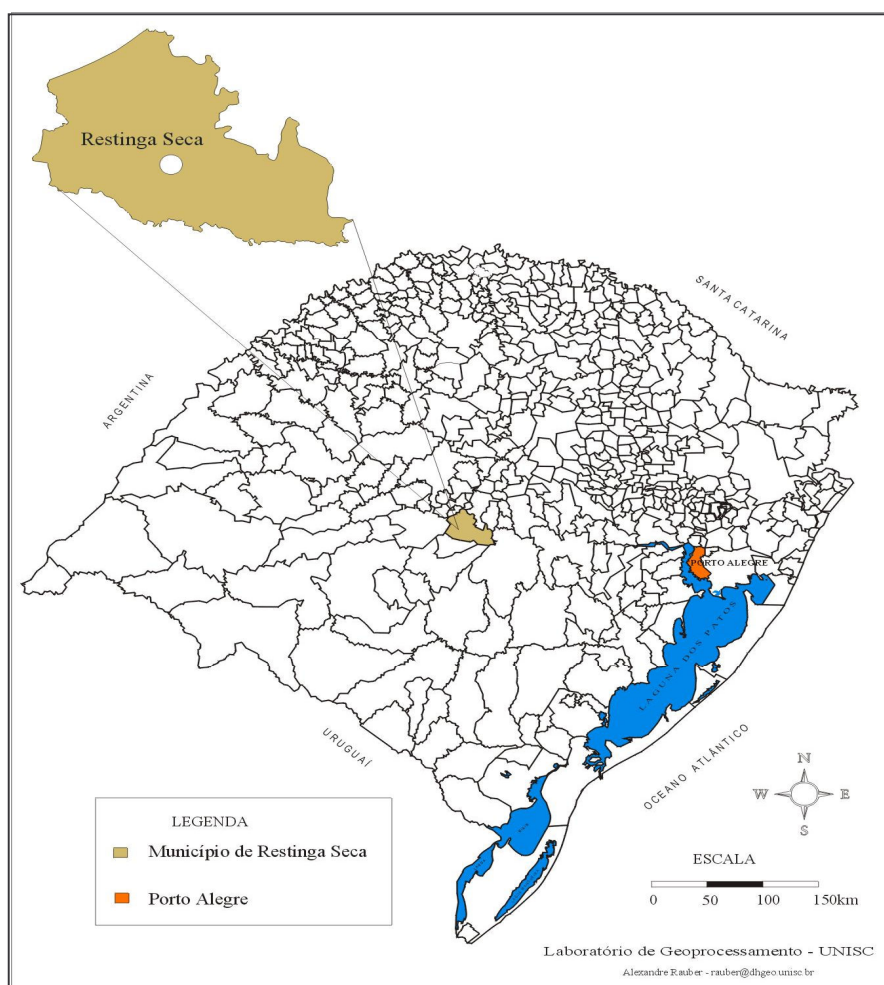
1. Introdução

Nas últimas décadas do século XX, o sonho de “viver em cidades” tornou-se uma realidade para a maioria dos brasileiros. Porém, a mobilidade espacial - caracterizada pelo êxodo rural - provocou um desenvolvimento urbano e, em muitos casos, um subdesenvolvimento rural, principalmente, devido ao decréscimo da população economicamente ativa no campo. O desenvolvimento urbano parece não apenas ser uma causa da constante migração regional, como também uma de suas conseqüências. O estudo da relação entre a mobilidade espacial e o crescimento urbano permite entender melhor a desigual distribuição espacial da população nas regiões do Rio Grande do Sul.

Na região central do Rio Grande do Sul, o crescimento demográfico da cidade de Santa Maria tem produzido uma desigualdade populacional intra-regional nas últimas décadas que, paradoxalmente, reforça um modelo de desenvolvimento regional, no qual a migração é uma *conditio sine qua non*. A migração de jovens da comunidade rural de São Miguel não é um desdobramento de escolhas individuais motivadas por uma *lack of gratification*. Trata-se de um deslocamento físico que – em função da solidariedade familiar – faz com que paradoxalmente o migrante esteja presente, embora longe.

2. Situação geográfica, demográfica e sócio-econômica da comunidade rural de São Miguel

A comunidade rural de São Miguel pertence ao município de Restinga Seca. Localizado na região central do Estado do Rio Grande do Sul. A área total do município é de 958,31km² (IBGE 2000).



Fonte: Laboratório de Geoprocessamento - UNISC

O município de Restinga Seca pertenceu, nos seus primórdios, aos domínios de Rio Pardo. Em 1892, tornou-se quarto distrito de Cachoeira do Sul; em 1938, foi elevada à categoria de vila; e, em 1959, adquiriu sua emancipação político-administrativa (GIULIANI, 2001, p.16).

Atualmente, Restinga Seca faz parte da quarta colônia de imigração italiana, juntamente com outros municípios, como Agudo, São João de Polêsine, Dona Francisca, Nova Palma, Faxinal do Soturno, Silveira Martins e Ivorá. Apesar do predomínio de imigrantes italianos, outros grupos (alemães, poloneses, holandeses) se estabeleceram nessa região onde já havia a presença de luso- e afro-brasileiros.

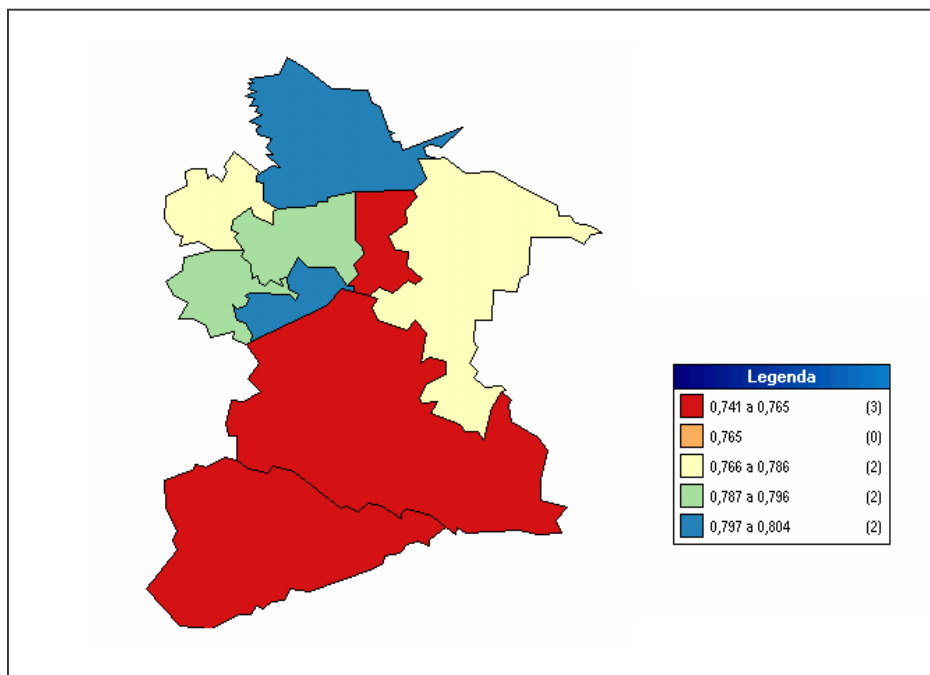
Segundo a classificação pela “cor/raça declarada” do IBGE (2000), os habitantes do município estão distribuídos da seguinte maneira: 13.290 brancos, 1.440 pretos, 1.630 pardos, 31 indígenas e 09 não declararam a cor. Assim que pardos e pretos perfazem um total de 3.070 pessoas. Ou seja, 18,71% da população do município. Cabe lembrar que a comunidade afro-brasileira de São Miguel representa 3,10% da população total do município.

Desde a colonização européia da segunda metade do século XIX, o município de Restinga Seca possui uma economia predominantemente agro-pastoril, embora os setores industrial e comercial sejam igualmente desenvolvidos. A rizicultura e a pecuária predominam no setor primário desde a década de 40.

Atualmente, o município possui uma população total de 16.400 pessoas, das quais 8121 são homens e 8279 são mulheres (IBGE 2000). Na área urbana, têm-se 8187 habitantes e, na área rural, 8213. No meio urbano-industrial, destaca-se a indústria moveleira que emprega grande parte da mão-de-obra urbana. Outros setores, como

comércio e prestação de serviços, estão na sede do município e colaboram para a manutenção de pessoal ocupado. Nas unidades locais, estão ocupadas 2.166 pessoas, das quais 1.421 são assalariadas, recebendo em média R\$ 320,80 mensais. Esse dado significa que a média salarial não ultrapassa de maneira significativa o salário regional, que é de R\$ 312,00, o que reflete um baixo nível salarial da população. No meio rural, as atividades agro-pastoris são responsáveis pela ocupação de quase totalidade da população economicamente ativa.

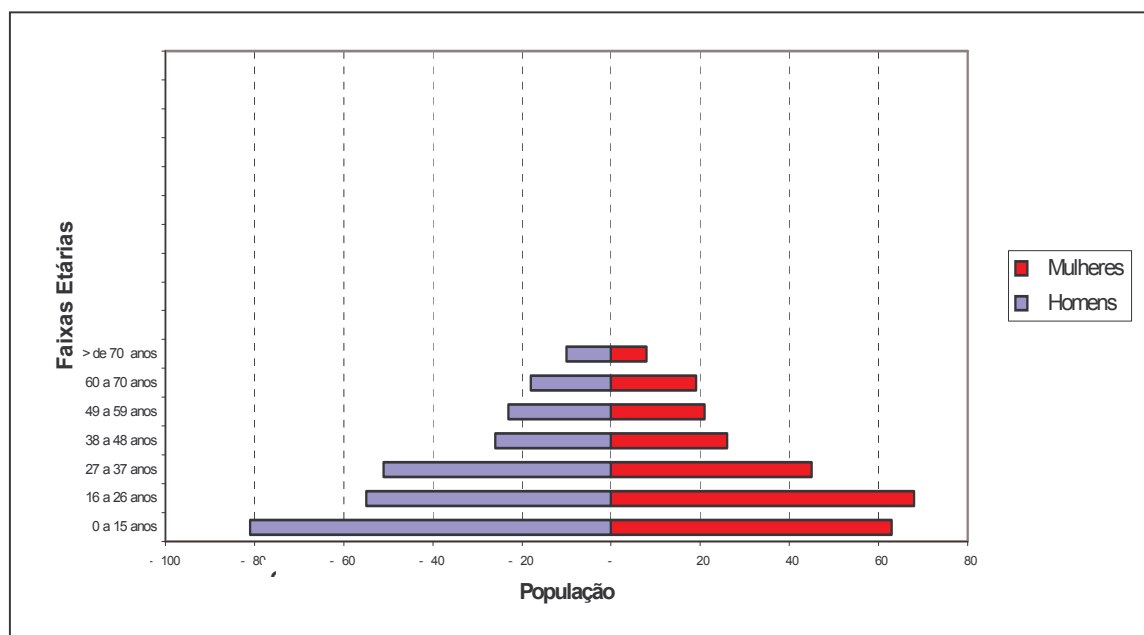
Segundo o IDH, a microrregião de Restinga Seca e municípios circunvizinhos possui um desenvolvimento regional desigual. Os nove municípios são diferenciados em termos de educação, longevidade, renda, expectativa de vida (IBGE, 2000). Os IDHs mais baixos desta microrregião são: Formigueiro, Restinga Seca e Dona Francisca com um índice entre 0,741 a 0,765. Embora Restinga Seca possua uma economia diversificada, a distribuição de renda não é equitativa, existindo bairros suburbanos com intensa pobreza sem alternativa de trabalho e renda, bem como comunidades rurais em precárias condições materiais.



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2000)

A comunidade afro-brasileira de São Miguel se localiza, portanto, num dos municípios com mais baixo IDH dessa microrregião. Porém, sua precariedade não representa um *push factor* determinante para a migração. Como mostraremos a seguir, a migração de jovens de São Miguel é seletiva e funciona para minimizar as precárias condições de quem lá permanece.

Em São Miguel, moram atualmente 125 famílias que se distribuem em espaços familiares, ou seja, os parentes mais próximos convivem num mesmo terreno. São em torno de quinhentas pessoas de todas faixas etárias, conforme mostra a pirâmide etária a seguir:



Fonte: Núcleo de Pesquisa Social – UNISC.

Na base da pirâmide, encontram-se os indivíduos mais jovens, que constituem a maioria da população. As crianças e adolescentes possuem uma educação formal mais expressiva que seus pais. A pirâmide permite inferir uma maior saída precoce de jovens do sexo masculino. Segundo o relato de alguns entrevistados, as jovens dessa comunidade saem em maior número para trabalhar fora em relação a um passado recente. A legalização recente da aposentadoria rural teve um impacto na distribuição da renda familiar nessa comunidade. Devido às atividades agrícolas, filhos e netos estão mais expostos às ocupações sazonais e às flutuações de rendimentos que os avós, geralmente, inativos e com rendas fixas (aposentadorias).

A análise da pirâmide etária acusa uma saída de homens e mulheres jovens em busca de trabalho em outras cidades, permitindo uma mobilidade espacial e ocupacional dos migrantes. Os jovens com a possibilidade do serviço militar saem mais cedo da comunidade, e, geralmente, após cumprirem um período nas Forças Armadas não mais retornam para casa, buscando trabalho em outras cidades. Desse modo, o serviço militar representa um ritual de passagem e de emancipação dos jovens. Através da migração, eles passam a assumir um outro papel frente à comunidade de origem: ou seja, o de migrantes muitas vezes provedores da família.

3. Metodologia e dados empregados

A pesquisa foi realizada no período de janeiro a agosto de 2003. Foram elaborados questionários fechados e aplicados a todas as famílias da comunidade para verificar a existência de membros migrantes e seus eventuais vínculos com a família e local de origem. Estes dados foram obtidos em várias visitas feitas à comunidade em que as famílias colaboraram para o fornecimento dos dados, demonstrando que, apesar de alguns constrangimentos pelo aspecto da casa no momento da visita, estavam dispostos a ajudar. Alguns indivíduos antes de saberem o teor da conversa perguntavam se as perguntas não seriam usadas pelo Programa Fome Zero, na tentativa de obterem auxílio financeiro. Outras, por já conhecerem a entrevistadora convidavam para entrar em suas casas, e recebiam amistosamente.

As entrevistas com vinte migrantes tiveram dois momentos: No primeiro momento, os entrevistados falaram livremente sobre o assunto da entrevista, inclusive reconhecendo que a migração era importante para o sustento familiar. Num segundo momento, quando da gravação da entrevista, estes depoentes foram mais restritos nas respostas, demonstrando inibição. É compreensível esta situação, pois são pessoas que normalmente não são reconhecidas como portadoras de uma história. Tratou-se, portanto, de “dar realmente a palavra àqueles que habitualmente não a têm” Bourdieu (1998).

Com o término dos questionários os dados foram quantificados e transferidos para o programa SPSS. Com base nos dados, chegou-se ao número de 125 famílias, sendo que 57 (45,6%) famílias possuem migrantes e 68 (54,4%) famílias não possuem migrantes. Constatou-se, através desse censo, 141 migrantes (até aquele momento) que moram em diversas cidades do Rio Grande do Sul e de outros Estados, como Minas Gerais e Santa Catarina. Optou-se por entrevistar vinte migrantes que morassem respectivamente em Porto Alegre, Santa Maria e Restinga Seca. Essa amostra serviu para o propósito deste trabalho, sem ter a pretensão de ser representativa de toda comunidade, mas contém dados plausíveis e contemplam as questões mais pertinentes, ou seja, da migração de jovens na lógica da solidariedade familiar.

De Porto Alegre e Santa Maria, foram entrevistados sete migrantes respectivamente e, de Restinga Seca, seis migrantes. Segundo o gênero, foram entrevistados 12 homens e 8 mulheres, distribuído(a)s nas seguintes cidades conforme tabela abaixo.

Cidades	Porto Alegre	Santa Maria	Restinga Seca
Homens	3 (42,85%)	6 (85,71%)	3 (50,00%)
Mulheres	4 (57,14%)	1 (14,28%)	3 (50,00%)
Total	7 (100%)	7 (100%)	6 (100%)

Fonte: Tabela elaborada a partir do banco de dados CABSM (2003).

Estas cidades foram escolhidas por possuírem os maiores contingentes de imigrados, pois 46 moram em Porto Alegre, 31 em Santa Maria e 23 em Restinga Seca. Os entrevistados de Porto Alegre preferiram dar a entrevista na própria comunidade quando foram contatados na casa de seus familiares pela pesquisadora. Dos entrevistados de Santa Maria, dois deram entrevistas em suas casas e um na casa da irmã em Santa Maria. Quatro concordaram em falar em suas casas na comunidade, pois lá estavam durante o final de semana. Os entrevistados de Restinga Seca deram entrevista em seus domicílios.

4. Mobilidade espacial e social dos jovens afro-descendentes

As relações entre mobilidade social e migração têm sido alvo de interesse de um número expressivo de cientistas sociais nas últimas décadas. Mas não é apenas a inserção ocupacional do migrante no mercado de trabalho e a sua adaptação social na sociedade de destino que se destacam na literatura sociológica. Estudos como o de Hasenbalg e Silva (1988) também apontam para uma diferença na mobilidade social segundo a pertença étnica do indivíduo. Dessa forma, certas diferenças na mobilidade social entre grupos étnicos numa sociedade podem acusar uma discriminação que favorece certos grupos em detrimento de outros.

Pastore (1979) observou igualmente que a mobilidade social intergeracional tem relação com a mobilidade espacial de uma geração, geralmente expressa na migração rural-urbana. No caso da comunidade afro-brasileira de São Miguel, há uma tendência para a migração urbana de jovens. Tal como a tendência geral apontada por Pastore (1979, p. 105), esses jovens terão ocupações urbanas “de baixa qualificação e baixa remuneração.” Mesmo que essas ocupações sejam baixas, acaba promovendo a mobilidade social, visto as condições dos pais que permanecem no campo. Cabe salientar que, no caso de jovens que deixam o meio rural e suas ocupações predominantemente agrícolas, a mudança de uma atividade ocupacional não significa mudar de grupo profissional. Trata-se, em geral, de uma mobilidade horizontal de pedreiro para pintor de paredes ou de vigia de uma fábrica para segurança de baile. As análises sobre a mobilidade profissional inter-geracional dos afro-brasileiros de São Miguel levam à mesma conclusão de Pastore e Silva (2000, p.90), isto é, que a sua distribuição ocupacional atual está mais concentrada nos estratos ocupacionais inferiores da sociedade.

Apesar de ter sido o pivô da força de trabalho na economia brasileira durante séculos, o ex-escravo foi discriminado pela nova dinâmica do mercado de trabalho. Marginalizados, os afro-brasileiros se tornam um espectro do passado e sua invisibilidade social é também um produto da exclusão social provocada pelo processo de modernização da sociedade brasileira, pois a urbanização e a industrialização pouco ofereceram aos libertos e seus descendentes.

O ônus real e virtual da escravidão colocou o afro-descendente em desvantagem frente aos imigrantes europeus para a acumulação de capital econômico, cultural, social e simbólico. Alguns efeitos desta desvantagem inicial foram letárgicos e, por isso, ainda

perceptíveis nas gerações de afro-brasileiros. No caso da região central do Rio Grande do Sul, têm-se descendentes de alemães, italianos ou de outros imigrantes europeus e do escravo africano ocupando posições sociais distintas, para as quais a mobilidade social inter-geracional teve um papel importante. Em termos quantitativos e qualitativos, a mobilidade social dos descendentes de europeus difere daquela dos afro-brasileiros, ou seja, em relação ao *in-group*, um número maior de brasileiros com origem européia ascendem socialmente, enquanto os afro-brasileiros concentram-se na base da pirâmide social. A mobilidade espacial de ambos também acusa uma diferença, cuja história da trajetória coletiva destes grupos étnicos auxilia na compreensão da invisibilidade social e da distribuição espacial dos afro-brasileiros na região central do Rio Grande do Sul.

Como afirmam Bastide e Girard (1974:1094), a mobilidade espacial aparece como um corolário da mobilidade social. A primeira ocorre, em geral, do campo para a cidade, caracterizando em termos ocupacionais a passagem das atividades agrícolas para aquelas urbano-industriais. Ao analisar a origem agrícola do operariado francês, Touraine e Ragazzi (1975, p. 8-12) distinguiram três significados desta passagem geográfica (e social):

1. do deslocamento (*déplacement*) ocupacional sem deixar o local de origem;
2. da partida (*départ*) que implica migração para o centro industrial;
3. da mobilidade (*mobilité*), propriamente dita, quando há uma vontade ou uma perspectiva de ascensão social.

Para os supracitados sociólogos, a mobilidade social ocorre inerente à vontade de ascensão social que comanda a mobilidade espacial. Nesse sentido, a mobilidade vertical num espaço social hierarquizado tem ligações com a mobilidade horizontal. Para Merllié e Prevot (1997, p.17), a mobilidade geográfica, enquanto tipo de mobilidade referente a um espaço físico, implica em mudanças sócio-ocupacionais cujo nível social equivale ao de origem. Em termos sociais, a horizontalidade da migração pode facilitar a verticalidade da mobilidade dos descendentes. A mobilidade vertical é, no entanto, bipolar. Segundo uma escala social, ela pode ser ascendente como descendente e variar durante a trajetória coletiva de um determinado grupo.

No caso dos jovens afro-brasileiros de São Miguel, a mobilidade espacial é caracterizada por uma migração unilateral das áreas tradicionais às modernas em termos micro-regionais. Ao analisar a trajetória coletiva dos afro-brasileiros, percebe-se que ela caracteriza-se basicamente pela sua horizontalidade. Para melhor entender o imobilismo social (no sentido vertical) da população afro-brasileira, fatores externos e internos ao *in-group* devem ser analisados. Em termos ocupacionais, a vulnerabilidade da população afro-descendente frente aos subempregos do meio urbano, especialmente do terceiro setor, sugere uma contra-mobilidade tal como foi elaborada por Girod (1971). Trata-se de um movimento pendular típico em sociedades com muita fluidez devido a grande rotatividade que redundam em mudanças de posição social efêmeras.

As situações sócio-econômica e cultural dos afro-brasileiros na região central do Rio Grande do Sul condicionam suas estratégias de mobilidade e (re)produção social e explicitam os mecanismos de exclusão e integração social. Ao avaliar o capital econômico e cultural dos afro-brasileiros, bem como suas atividades ocupacionais, constata-se o seu pertencimento majoritário às camadas populares e com baixa instrução e aos extratos profissionais de menor qualificação e remuneração.

A mobilidade escolar e profissional dos afro-brasileiros não representa necessariamente uma ascensão social. Os dados empíricos coletados acusam uma mobilidade social, cujo deslocamento ocorre em pequenas distâncias que caracterizam a chamada “vizinhança social”.

5. Aspectos culturais, sociais e econômicos da solidariedade familiar

Assim como os migrantes necessitam do auxílio dos parentes para conseguirem se estabelecer em outras cidades e arranjar emprego, os que permanecem morando na comunidade e dependem de um trabalho temporário obtêm o auxílio de parentes e amigos. São indicações de um a outro que possibilitam a contratação temporária para trabalho no fumo, no corte de lenha, em cargas e descargas nas empresas, nos serviços em lavouras de arroz, etc.

Nos trabalhos de “biscates” (trabalhos diários pagos por serviço ou por dia) existe uma relação de solidariedade entre os membros da comunidade. Um dos membros que já é conhecido de quem quer contratá-los faz a intermediação e negociação dos dias que serão trabalhados, quantos irão e qual o preço pago ao dia. Não ganha a mais por isso e desempenha o mesmo trabalho dos outros contratados. Geralmente há o reconhecimento do “bom trabalhador” que serve como intermediário nas negociações. Não é feitor nem agenciador nos moldes dos bóias-frias, como demonstra Silva (1999). Sua relação com os outros contratados é de amizade ou parentesco.

No caso dos migrantes afro-brasileiros de São Miguel, um dos motivos principais de sua migração foi atender suas esperanças em ampliar suas potencialidades econômicas e ao mesmo tempo poder colaborar com seus familiares que não migraram e que necessitam da ajuda destes migrantes tal como ocorre com outros grupos de migrantes (SAYAD, 2000; MARGOLIS, 1994; CONCEPCIÓN - SÁNCHEZ, 2002; SÁNCHEZ, 2002).

Na comunidade rural de São Miguel, a modernização agrícola das lavouras de arroz irrigado acabou por determinar a migração de parte de jovens da comunidade. Com o trabalho escasso foi necessário deixar a comunidade em busca de trabalho em outras localidades.

Esses migrantes que partiram primeiro foram impulsionados pela baixa oferta de trabalho agrícola na região com a introdução de novas tecnologias na agricultura. A mecanização funcionou como *push factor* levando à migração muitos jovens. A capital estadual Porto Alegre absorveu grande quantidade dessa mão-de-obra de baixa qualificação e escolarização, que encontrou trabalho através da ajuda dos que lá se encontravam. Foi um período bom para o emprego desses migrantes da zona rural que procuravam ascensão social e econômica.

A mobilidade e a inserção ocupacional, embora fosse significativa dentro do universo desses migrantes, era respectivamente de curta distância e efêmera, pois não elevava significativamente os padrões de vida a não ser em relação a sua comunidade, fazendo parte do fluxo de troca rural/urbano em que os migrantes não vão transpor níveis da hierarquia ocupacional (PASTORE e SILVA, 2000, P. 26).

Neste sentido a migração significou sair de uma condição de diarista em lavouras para a condição de trabalhador urbano que, embora sem qualificação, desempenha serviços

gerais, tendo a possibilidade de possuir carteira de trabalho, algo não presente nos tempos de trabalhos diários. Conquista para aqueles que possuíam família ou que ajudavam no sustento dos pais.

Houve então uma mobilidade intrageracional pela mudança do trabalho, de diarista a trabalhador urbano mensal empregado na indústria, e uma mobilidade intergeracional, pois houve uma mobilidade sócio-econômica em relação a seus pais. Significou uma mudança exemplar para outros membros da comunidade. Nas entrevistas os migrantes deixam claro que embora tenha sido um período difícil de adaptação, a necessidade de melhores ganhos impulsionava a migrar.

Um dos entrevistados (Antônio, 34 anos) contou que saiu com dezoito anos para servir ao Exército e que não mais retornou, pois conseguiu entrar na Brigada Militar e nela está até hoje. Mora em Restinga Seca com esposa e filho, mas quando iniciou sua trajetória de migrante percorreu várias cidades servindo a Brigada Militar até se fixar em Restinga Seca. Eventualmente é convocado para passar temporadas em outras cidades a serviço, mas sua família permanece na cidade. Como disse: “oportunidade quando aparece, a gente não pode deixar passar, às vezes, mesmo com sacrifício, inclusive por duas vezes já fiquei longe de casa, da mulher e do filho.”

Estes migrantes foram os protagonistas da transformação demográfica do país de rural em primordialmente urbano (JANNUZZI, 2000), embora alguns autores considerem que o Brasil é menos urbano do que se pensa (VEIGA, 2002). Os migrantes entrevistados ascenderam na escala sócio-ocupacional em relação a seus familiares conforme seus próprios depoimentos.

Ao mesmo tempo em que a migração acontece pela ajuda dos que já estão em outras cidades, isso só é possível porque a cidade em questão tem uma maior oferta de empregos, permitindo que aconteça uma onda migratória. “El proceso migratorio se interpreta a través del modelo del ajuste de las ofertas y de la búsqueda (labor-force adjustment model) entre las regiones” (CORREA, 2002, p. 77). O que se verifica então é que aquele futuro migrante entra em contato com seu parente e amigo que já está instalado em outra cidade para saber se há emprego para ele. Ou seja, a migração de uns depende do mercado de trabalho atraente e da ajuda de outros.

Encontra-se na comunidade dois fenômenos distintos: existem os migrantes que partiram para Porto Alegre há mais de vinte anos, constituíram família, adquiriram casa própria e se adaptaram com a vida urbana de uma grande cidade. É interessante observar que o desejo de retorno que estes migrantes possuem não se concretiza porque a sua vida e de sua família já está inserida no esquema de vida citadino, sem contar que seus filhos e netos nasceram e cresceram na cidade.

Todos migrantes entrevistados trabalham e auxiliam na manutenção de suas famílias e ainda auxiliam a família que permanece na comunidade. Esses trabalhadores possuem contrato formal de trabalho, o que é muito importante, pois significa que poderão se aposentar futuramente. Os que já estão em Porto Alegre há anos estão em fase de aposentadoria, e alguns ainda trabalham no mesmo emprego de quando migraram à época de sua juventude, preservando mais que os novos sua condição de trabalho (JANNUZZI, 2000, p 141). Os homens como chefe de família formam a maioria entre os migrantes.

A migração na comunidade é alternativa de sobrevivência para muitos homens que casados ou solteiros não conseguem emprego nos arredores. Como essa migração começou há mais de vinte e cinco anos, sendo que os primeiros acabavam arrumando emprego para os que migravam mais tarde, há uma expressiva quantidade de migrantes, perfazendo um total de 141 migrantes que significam num total de 506 membros 27,8% de membros que já migraram. É uma cifra significativa de migrantes que se estivessem ainda na comunidade estariam provavelmente enfrentando as mesmas dificuldades para conseguir trabalho que os seus parentes e amigos.

Do depoimento dos migrantes que habitam Santa Maria, pode-se inferir uma similar trajetória individual na qual foi importante a solidariedade familiar e amical. Cabe destacar que os primeiros que migraram indicaram as vagas de emprego para seus amigos e parentes. Se a solidariedade familiar obriga os migrantes a enviar remessas, cabe salientar que muitos migrantes obtiveram empregos alhures devido à essa solidariedade familiar. Esses migrantes se sujeitam a este tipo de vida por saberem que há uma escassez crescente de trabalho no entorno da comunidade. Isto acontece com os migrantes das zonas canavieiras e algodoeirais que obtém ganhos fora da comunidade e retornam periodicamente (MENEZES, 2002).

Em termos de migração feminina há uma preferência por Porto Alegre e Restinga Seca. Isso é devido à oferta de emprego estar concentrada nestes dois municípios. Em Porto Alegre os trabalhos domésticos têm sido a opção de mulheres que necessitam migrar, sendo um serviço de baixa qualificação que não exige escolaridade formal significativa, além de haver um constante reabastecimento desse mercado de trabalho, visto que as mulheres não migrantes ocupam outros espaços profissionais mais qualificados deixando às migrantes essas ocupações inferiores.

Quanto as migrantes que optam por Restinga Seca isto é devido à oferta de trabalho em uma indústria calçadista que emprega mão-de-obra não qualificada. Além de que as migrantes que já trabalham nesta fábrica indicam a parentes e amigas quando há uma vaga. O *start* migratório entre homens e mulheres difere apenas em termos da migração para Santa Maria, onde há predominância de homens. Em relação a Porto Alegre e Restinga Seca há uma equivalência de gêneros na migração.

Em relação aos homens há uma predominância por Santa Maria (6) por esses entrevistados estarem trabalhando lá e a família permanece na comunidade. Essa migração masculina é mais freqüente por que há uma pequena distância entre a comunidade e a cidade supracitada permitindo que os homens retornem semanalmente para casa.

Os migrantes da comunidade rural de São Miguel reproduzem os vínculos de solidariedade familiar de forma semelhante a outros grupos cujo deslocamento migratório deu-se em escala internacional, ou seja, através de remessas para sua comunidade de origem. A importância das remessas de migrantes já foi alvo de estudos nos casos do Haiti (SCHILLER e FOURON, 2000, p. 61) e do México (Zamora 2002; Sanchez 2002).

Em nível internacional, o caso dos haitianos é ilustrativo, pois, segundo Schiller e Fouron (2000, p. 52), “um amplo setor da população do Haiti depende, para a subsistência diária, das remessas dos familiares emigrados”. Persiste entre os migrantes e os familiares que ficam no Haiti uma obrigação que tem origem, nas palavras de Schiller, nos “laços de sangue”. O parentesco é utilizado como forma de manter economicamente os que na comunidade de origem permanecem.

Esse mesmo viés haitiano ocorre com os senegaleses. Da França, como escreve Catherine Quiminal (1994), a migração estabelece uma cooperação internacional entre os

migrantes e os projetos de desenvolvimento, como forma de cooperarem com a região do Senegal de onde partiram.

As migrações internacionais, como são as de haitianos e senegaleses, acabam intervindo nas formas de desenvolvimento regional, pois o fluxo de dinheiro enviado ajuda na manutenção das regiões de origem dos migrantes. Guengant (1996), analisa essas questões referentes à migração, como um novo paradigma para o desenvolvimento local.

Os migrantes mexicanos, assim como os haitianos e senegaleses, não perdem os vínculos familiares originais, tampouco o meio social de que são oriundos. Nos Estados Unidos, para onde migra a maior parte desses mexicanos, pela proximidade da fronteira, buscando a esperança de melhoria de vida, este fenômeno se deve ao fato de que muitos compatriotas já migraram e construíram laços de solidariedade para o acolhimento de novos migrantes. Sanchez (2002), mostra que houve um elevado índice de migrantes com expectativas de melhores condições de vida. Esses migrantes fazem remessas de dólares a seus familiares, colaborando para a manutenção da vida dos que permanecem. Além disso, esse dinheiro tem um efeito multiplicador na própria região, colaborando para o desenvolvimento local. São redes que se formam entre aqueles que migram e os que permanecem nas localidades de origem.

Em nível nacional, vários trabalhos estão sendo feitos sobre comunidades afro-brasileiras. No Rio Grande do Sul, trabalhos como de Abrunhosa da Silva (1996) sobre uma comunidade afro-brasileira no sul do Estado, chamada Casca. Essa comunidade recebeu as terras em doação em 1826 e desde lá cultiva lavoura de subsistência. Os que não conseguiram terras férteis para plantar migram para cidades próximas, como Palmares e Mostardas. Quando internamente a comunidade não tem como se manter, a mobilidade espacial, torna-se uma estratégia de sobrevivência.

Outro trabalho sobre comunidades rurais afro-brasileiras é o de Martins (1996), em Santa Catarina, na localidade de José Boiteaux, onde seus membros viviam isolados, com o contato com antropólogos do MIRAD (Ministério da Reforma Agrária e do Desenvolvimento) foi possível conhecê-los. Suas origens provêm do século XIX e foram marcadas pela busca de terra para habitarem. Entre a produção de subsistência e a disputa

por terras, os cafuzos serviram de mão-de-obra barata na exploração da madeira, até o reassentamento da comunidade em 1993. Depois do reassentamento, cultivam erva-mate, a lavoura de subsistência. Foram construídas escolas, associações comunitárias que continuam a manter laços de solidariedade que permitem sua manutenção nas terras conquistadas. A luta pela terra habitada há anos criou, nessa comunidade, uma forma de vida que manteve seus membros unidos.

Hartung (1996), relata a história de um grupo afro-brasileiro que habita em Macacu, no “Morro do Fortunato”, grupo este que originou esta comunidade. Cultivam para o consumo local alimentos, sendo o feijão e a banana vendidos externamente. Como as terras para cultivo estavam ficando escassas, os mais jovens buscam trabalho nas cidades vizinhas, e muitas vezes o pai o faz, enquanto os filhos ficam para os trabalhos agrícolas (dividem os trabalhos para a manutenção da família).

Outros grupos afro-descendentes existem pelo país afora que necessitam de investigação, como os remanescentes de quilombos que Anjos (2000) menciona em seu trabalho, quando fez a configuração espacial de comunidade quilombolas em todos os estados brasileiros.

Baseando-se nessas questões de migração e nas formas de manutenção das identidades entre os que partem e os que permanecem, seja em nível nacional ou internacional, é pertinente fazer correlações com a comunidade afro-brasileira de São Miguel em Restinga Seca. Em escala internacional, os migrantes colaboram com o desenvolvimento regional de seus países de origem. O caso do Senegal, do Haiti (Schiller e Fouron, 2000) e México (Marroni, 2002; Zamora, 2002) são ilustrativos, em que os migrantes vão para França e Estados Unidos e mandam para as famílias dinheiro e colaboram com o desenvolvimento local, mantendo as estruturas culturais do local de origem. Transportando essas considerações para os migrantes da comunidade de São Miguel, pode-se inferir que os que moram em Porto Alegre, Santa Maria e na sede do município de Restinga Seca colaboram para a reprodução social da comunidade.

Os laços familiares não deixam de ser importantes para os migrantes que se preocupam não só com sua família nuclear, mas com pais, irmãos, etc. Do mesmo modo os pais que ficam continuam a ter papel relevante na conduta do migrante, participando das mudanças na vida de filhos e filhas. Essas relações parentais não se dissolvem com a distância, até porque a ascensão social que a migração proporciona pela remessa de dinheiro para aquisições de bens e sustento da família atinge a todos (ASSIS, 1999, p. 161). Ao mesmo tempo, um migrante pode influenciar outros da família para que também migrem.

Assim como ocorre em nível internacional, Um membro familiar que migra primeiro abre caminho para outros de sua família. A rede familiar que se estabelece em Nova York é muito importante para a fase de adaptação do novo migrante (MARGOLIS, 1994, p. 168). O mesmo acontece com os migrantes de São Miguel que encontram em parentes e amigos o apoio necessário para suportar os primeiros tempos de adaptação na cidade para a qual migram.

Esse tipo de ajuda também está presente na comunidade afro-brasileira supracitada. Essas remessas de dinheiro ajudam na melhoria da qualidade de vida das famílias não migrantes. As mulheres casadas que permanecem nas comunidades assumem o papel de chefe de família, sem muitas vezes obter do marido migrante recursos suficientes para a manutenção familiar. E elas acabam por trabalhar em ocupações de baixa renda para ajudar na manutenção da casa e filhos. Em São Miguel vão trabalhar na lavoura de fumo ou como faxineiras no município de Restinga e até mesmo em Santa Maria.

A ajuda mensal se dá de várias formas: em dinheiro que é mandado mensalmente pelos migrantes, em compras de eletrodomésticos, facilitando a vida das donas de casa, como máquinas de lavar roupa, etc, e na ajuda para construção de casas ou reformas. A própria utilização da mão-de-obra de um migrante significa ajuda à família que não necessita a contratação de outra pessoa para reparos e construções.

No caso dos migrantes que encontram na remessa de dinheiro uma forma de manter os laços de parentesco fortificados, demonstram que essa conduta não é individual mas social, pois parte significativa dos migrantes colabora regularmente para a manutenção econômica de suas famílias na comunidade. Cabe salientar a importância de uma identidade com o local de destino das remessas. No depoimento dos entrevistados fica evidente à

ligação simbólica com o local e a comunidade de origem tal como Silva (1999, 216) demonstra a respeito da identidade dos trabalhadores migrantes que usam expressões como “lugar da gente”, “a terra da gente”, “aqui não é a terra da gente”. Isso os identifica como pertencentes a um outro lugar, que as raízes não são aquelas impostas pela migração, mas aquelas deixadas no lugar de nascimento e da infância.

Cidade de destino	Nº de migrantes	Distância	Remessa mensal	Visitas mês
Restinga Seca	6	10 Km	R\$ 470,00	3,5 x ao mês
Santa Maria	7	47 Km	R\$ 1.718,00	2,8 x ao mês
Porto Alegre	7	260 Km	R\$ 1.100,00	0,5 x ao mês

Fonte: tabela elaborada a partir do banco de dados da CABSM (2003).

Referente aos migrantes que estão em Restinga Seca pode-se inferir que conforme a remessa mensal há uma baixa colaboração financeira para a família na comunidade, sendo compensada pela alta frequência das visitas. Destes migrantes 4 são solteiros, sendo que três trabalham em uma indústria calçadista desempenhando ocupações manuais não qualificadas e percebendo salário mínimo. O outro migrante trabalha em uma indústria moveleira, tendo uma ocupação no estrato ocupacional médio-inferior e percebe em torno de dois salários mínimos mais gratificações.

Os outros dois migrantes são casados, um está no estrato ocupacional médio-médio, segundo classificação de Pastore e Silva (2000) percebendo em torno de quatro salários mínimos mensais, e a outra migrante é dona de casa e seu esposo trabalha em uma Cooperativa desempenhando função no estrato ocupacional médio-inferior e percebe em torno de dois salários mínimos. A ajuda financeira destes migrantes é baixa se comparada com os migrantes de Santa Maria e Porto Alegre.

Os migrantes que moram em Santa Maria são em sua maioria pais que encontraram na migração solitária alternativa mais viável para toda sua família, preservando seu espaço na comunidade. Ou seja, enquanto o chefe da família migra para aumentar os rendimentos e

ter um emprego formal, a mulher assume como chefe de família na comunidade, podendo desempenhar trabalhos em lavouras de fumo, como faxineira ou como agente de saúde.

Do total de sete migrantes entrevistados que estão morando em Santa Maria, seis são homens que moram no próprio local de trabalho, o que segundo eles foi a melhor alternativa encontrada porque economizam o dinheiro do aluguel. Moram cinco migrantes da comunidade que trabalham na mesma indústria e segundo eles há um bom relacionamento, pois não moram estranhos com eles. A economia em aluguel serve para melhorar a renda familiar.

Esses migrantes que retornam à comunidade todo final de semana, possuem aquele sentimento da casa como lugar singular, como espaço social que possui uma hierarquia de sexo e de idade e onde há o reconhecimento, uma distinção dos demais (DA MATTA, 1998, p. 25). Ou seja, casa é o espaço social construído com base em laços de parentesco, afeto e que se torna o lugar do refúgio, do abrigo, o porto seguro.

A outra migrante que mora em Santa Maria é casada e trabalha como empregada doméstica. Quando foi feita a entrevista em sua casa seu esposo estava na comunidade ajudando na construção de um banheiro para a mãe dela. Ajudam mensalmente a família na comunidade e ainda fazem serviços de pedreiro, carpinteiro etc. facilitando a vida destes. Ao total estes sete migrantes colaboram em torno de R\$ 1.718, 00 mensais. É uma quantia significativa pois seis migrantes são chefes de família e remetem à família praticamente todo salário mensal.

Os 7 migrantes entrevistados que moram em Porto Alegre fazem visitas esporadicamente às famílias na comunidade, devido a distância e os altos custos de transporte. Compensam essa ausência com a remessa significativa mensal para as famílias. Conforme o quadro acima colaboram em torno de R\$ 1.100, 00 mensalmente para ajudar no sustento de pais, avós, irmãos. Três entrevistadas remetem mensalmente boa parte de seus salários, permanecendo uma ínfima parte consigo. Para elas, o sustento da família que permanece na comunidade é sua maior obrigação, sendo que declaradamente estão lá porque seus rendimentos são essenciais para a sobrevivência daquela.

Os migrantes que colaboram com as famílias sentem-se bem em ajudar e conforme depoimento de migrantes que estão em Porto Alegre a remessa de dinheiro ou de um eletrodoméstico compensa a visita que é bimensal. Segundo essa migrante: “É bom porque

se eu pudesse eu viria uma vez por mês”. Outra migrante que trabalha como empregada doméstica não só ajuda sua família como está fazendo uma poupança para a construção de uma casa em São Miguel para ela e sua família. Outra depoente compensa a não visita com as remessas, segundo ela “se eu mando dinheiro pra eles comprarem o que está faltando, eu me sinto mais... melhor, sabe”.

Nesses depoimentos está implícito que as poucas visitas feitas durante o ano pelos migrantes que moram em Porto Alegre são compensadas por uma remessa significativa de dinheiro para suas famílias. É um sentimento de obrigação moral que os torna não só mais ligados à família, mas percebe-se nas conversas que é uma retribuição por aquilo que os pais fizeram por eles, e isso pode ser visto nas casas visitadas, que apresentam melhorias em relação às casas de famílias que não possuem migrantes.

Essas remessas proporcionam às famílias que as recebem uma melhoria da qualidade de vida, que se reflete na renda mensal dessas famílias. Se compararmos a renda de famílias com migrantes e famílias sem migrantes, haverá uma diferença média que beneficia as famílias com migrantes. Das 125 famílias da comunidade que responderam o questionário 115 (92%) responderam sobre sua renda mensal e 10 (8%) não responderam.

Conforme um cruzamento de variáveis feito com base na renda mensal das famílias com migrantes e famílias sem migrantes chegou-se à seguinte conclusão:

TABELA 05 - Faixa de renda x Famílias com ou sem migrantes

		V7 Famílias com ou sem migrantes		Total
		0 - F. S. M.	1 - F.C M.	
V19 faixa de renda	1,00	43 – 72,9%	24 - 42,9%	67 - 58,3%
salário mínimo				
	2,00	16 – 27,1%	25 - 44,6%	41 - 35,7%
salários mínimos				
	3,00		7 – 12,5%	7 – 6,1%
salários mínimos				

Total	59 – 100,0%	56 – 100,0%	115- 100,0%
-------	-------------	-------------	-------------

Fonte: tabela elaborada a partir do banco de dados CABSM (2003).

Conforme a tabela acima, 59 famílias não possuem migrantes (F.S.M.) possuindo uma renda mensal entre 1 e 2 salários mínimos. As famílias com migrantes (F.C.M.) são 56 perfazendo uma renda mensal entre 1 e 3 salários mínimos, isso significando que há uma diferença de renda que privilegia as famílias que possuem migrantes. Até 1 salário mínimo mensal é a renda de 72,9% das famílias sem migrantes, ou seja, a maioria dos respondentes. Apenas 27,1% destes recebem até 2 salários mínimos. Das famílias com migrantes 42,9% recebem até 1 salário mínimo e 44,6% recebem até 2 salários mínimos, representando um aumento de famílias que recebem mais de 1 salário mínimo mensal. Além de que há uma parcela de 12,5 famílias com migrantes que possuem uma renda mensal de até 3 salários mínimos demonstrando um aumento da renda entre essas famílias.

Isso é uma característica desse grupo afro-brasileiro. A solidariedade familiar persiste mesmo entre aqueles que migram. São questões identitárias comparáveis àquelas dos haitianos. Mesmo quando um haitiano migra para fora do país ele não perde os vínculos com sua comunidade de origem. Continua a reproduzir na sociedade de acolhimento aquilo que aprendeu no Haiti. Os “laços de sangue” persistem ao tempo e à distância (SCHILLER& FOURON, 2000).

Uma das perguntas feitas aos migrantes era se essa ajuda financeira que eles possibilitavam às famílias trazia algum bem-estar. Todos responderam que ajudar os pais era uma obrigação que trazia satisfação. Um dos entrevistados possui sogra e irmã na comunidade. Disse que quando pode ajuda e sempre que vai visitá-las leva um “rancho” para cada uma. “Se a gente puder ajudar eles é melhor pra gente, é melhor pra gente, é outra coisa, se a gente pudesse levantar mais a comunidade aqui era melhor.”

Outra migrante ajuda sua família inclusive na construção da casa de sua mãe. Além da ajuda mensal ela e seu esposo colaboram para que a casa ofereça o mínimo de conforto. Seu esposo no fim de semana da entrevista não pôde participar porque estava em São Miguel construindo o banheiro da casa. Além da ajuda financeira as necessidades de espaço

físico são satisfeitas com a colaboração daqueles que dispõem de tempo para exercer trabalhos nas moradias.

As remessas financeiras dependem do ganho mensal dos migrantes. Essas remessas vão desde R\$ 33,00 até R\$ 420,00. As menores remessas foram verificadas nos migrantes que possuem uma baixa remuneração, os mais jovens e que há pouco tempo deixaram a comunidade. As maiores remessas são daqueles chefes de família que migraram sozinhos, mas sustentam a família que ficou morando na comunidade.

É interessante observar nestes migrantes que partem sozinhos uma solidariedade entre os companheiros que moram juntos e trabalham na mesma empresa em Santa Maria. Segundo o depoimento de um desses migrantes dentro da firma onde trabalham e no local de moradia vivem como irmãos. Essa relação simbólica reforça os laços de amizade entre eles, ao mesmo tempo, que isso serve como apoio emocional enquanto estão distantes da família.

As relações que assim se estabelecem reduzem as dificuldades enfrentadas pelos migrantes no local de trabalho e moradia, podendo se adaptar mais rapidamente. Assim acontece com os migrantes que partem para outros países, como Estados Unidos da América, em que aqueles familiares que já estão lá e dão o suporte psicológico para os novos migrantes (MARGOLIS, 1994, p.168).

Interessante observar que os migrantes, depois de estabelecidos nas cidades acolhedoras, relatam a parentes e amigos sua experiência com a migração, não deixando de falar dos sacrifícios dos primeiros tempos, das dificuldades de adaptação e como foi importante contar com o apoio das familiares.

Os entrevistados que foram há mais tempo para Porto Alegre relataram que sempre trouxeram seus filhos para visitar os familiares na comunidade. Uma das migrantes se refere à comunidade como “colônia” e relata que seus filhos, que hoje são jovens, sentem saudade da época em que vinham visitar os avós e havia lampião para a iluminação e tinham que buscar água no riacho ou no poço. Hoje já existe água encanada e luz elétrica.

Há nostalgia dos tempos em que as crianças participavam da vida da comunidade. Ainda hoje as crianças filhos de migrantes gostam de estar com a família em São Miguel,

devido à liberdade para as brincadeiras. Aqui está implícito o medo que cerca as famílias que moram em grandes cidades. Não há a possibilidade de brincadeiras fora de casa.

O espaço que habitam as famílias migrantes é também ocupado por outras famílias. A integração social é nesse caso um processo moroso e muitas vezes deficiente. Pode ultrapassar uma geração até que as redes de relações se solidifiquem (CORREA, 2003, p. 317). Por outro lado, nos bairros periféricos onde há uma rotatividade maior de pessoas esses laços podem não se fortalecerem, impedindo a solidariedade de vizinhança.

Nesse sentido, são compreensíveis as remessas financeiras, os presentes nas visitas, a compra de eletrodomésticos que irão facilitar e dar conforto à vida dos familiares, principalmente os idosos. Essas remessas não se restringem aos vinte migrantes entrevistados mas a setenta e três, que periodicamente colaboram com as famílias. Fazendo uma projeção da remessa financeira pode-se chegar a em torno de R\$ 10.000,00 mensais, pois, dos vinte migrantes entrevistados há uma remessa de R\$ 3.000,00.

Considerações finais

Com base na literatura sociológica sobre mobilidade social e a questão racial no Brasil, pode-se obter uma aproximação teórica dos problemas e desafios dos afro-brasileiros de São Miguel. Nesse sentido, a sua condição suburbana (geográfica, social e cultural) enquanto consequência do desenvolvimento sócio-econômico da região - seja no seu sentido extrovertido (em termos econômicos) como introvertido (em termos sociais) – só poderá ser superada se o lugar físico e simbólico dos afro-brasileiros deixar de ser marginal.

Outro fator que mostra a gravidade do impasse é o *handicap* escolar desta população, pois a conversão da educação adquirida em posições da hierarquia ocupacional condena os afro-brasileiros a ocupar os estratos ocupacionais inferiores.¹ Cabe salientar que o impasse maior dos afro-brasileiros repousa na dificuldade em aperfeiçoar suas estratégias de (re)produção social a fim de obter uma ascensão social, uma vez que certas estratégias mais eficazes, como a formação de ensino médio e superior, não estão ainda ao alcance satisfatório dos mesmos. No entanto, eles apresentam uma baixa acumulação de capital o

que impede um investimento mais seguro e um aumento da produtividade, condição necessária para o acúmulo de capital. Nota-se, portanto, os efeitos nefastos da migração, ou seja, a “descapitalização” dos migrantes que acaba alimentando um *circulus vitiosus* da pobreza que compromete a sua integração social, bem como de seus descendentes. Este círculo da pobreza rompe-se de forma esporádica e efêmera no campo esportivo, especialmente no futebol e no basquetebol, e artístico. Essas rupturas permitem uma certa valorização da imagem afro-brasileira. Contudo, os domínios da cultura, do esporte e do lazer têm fronteiras bem delimitadas, embora invisíveis. Significa que a integração social através das atividades culturais ou desportivas é, em geral, provisória. Os efeitos da inconsistência de status dos afro-brasileiros, cuja ascensão social foi possibilitada através dessas atividades, não foram ainda avaliados pelas ciências sociais. Cabe ainda salientar que a relativa eficácia de algumas estratégias de mobilidade social através de atividades ocupacionais ligadas à cultura, às artes e ao esporte serve para atualizar o mito da democracia racial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, Maria A. do Nascimento (1996). “Dilemas do Brasil Moderno: A Questão Racial na Obra de Florestan Fernandes.” *In*: MAIO, Marcos C. e SANTOS, Ricardo. *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz/CCBB, p. 195-206.
- BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan (1959). *Branços e negros em São Paulo*. São Paulo. Ed. Nacional.
- BASTIDE, H./GIRARD, A. (1974). *Mobilité de la population et motivations des personnes : une enquête auprès du public*. III. Les facteurs de la mobilité. *Population*, XXXIX, 6, Paris.

- CARDOSO, Fernando Henrique (1962) *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*. São Paulo, Difusão Européia do Livro.
- CORREA, Sílvio M. de S. (1999) *Zur ethnischen Identität der Deutschstämmigen in Santa Cruz do Sul*. Münster. (Tese de Doutorado em Sociologia/WWU).
- CUNHA, Jorge (1991): Os colonos alemães e a fumicultura, Santa Cruz do Sul. FISC.
- ETGES, Virgínia (1991). *Camponeses gaúchos e a indústria do fumo*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC.
- FERNANDES, Florestan (1965). *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. São Paulo. Cia. Editora Nacional, 2 vols.
- GODINHO, E. *et al.* (1980): Estudos de População 6 - Santa Cruz do Sul. CEBRAP. São Paulo.
- GOETZE, Dieter (1997). “Zum Standort der Entwicklungssoziologie.” *In: SCHULZ, Manfred. (org.) Entwicklung: die Perspektive der Entwicklungssoziologie*. Opladen, p. 427-437.
- GUIMARÃES, Antonio S. A. (1996). “As elites de cor e os estudos de relações raciais.” *Tempo Social: Revista de Sociologia*. USP, São Paulo, 8(2), p. 67-82.
- HASENBALG, Carlos (1979). *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. Rio de Janeiro..
- HASENBALG, Carlos e SILVA, Nelson do Valle (1988). *Estrutura social, mobilidade e raça*. São Paulo. IUPERJ.
- HASENBALG, Carlos (1996). “Entre o Mito e os Fatos: Racismo e Relações Raciais no Brasil.” *In: MAIO, Marcos C. e SANTOS, Ricardo. Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz/CCBB, p. 235-249.
- IANNI, Otávio (1966). *Raças e Classes Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.
- JANNUZZI, Paulo de Martino (2000). *Migração e mobilidade social. Migrantes no mercado de trabalho paulista*. São Paulo, Editora Autores Associados/FAPESP/UNICAMP.
- LANDO, Aldair e BARROS, Eliane (1992). “Capitalismo e Colonização: Os Alemães no Rio Grande do Sul.” *In: DACANAL, J. e GONZAGA, S. RS: Imigração & Colonização*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 2ª ed.

- MAGGI, Yvonne (1996). “Aqueles a Quem foi Negada a Cor do Dia”: As Categorias Cor e Raça na Cultura Brasileira. *In*: MAIO, Marcos C. e SANTOS, Ricardo. *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz/CCBB, p. 225-234.
- MARTIN, Hardy Elmiro (1979). *Santa Cruz do Sul: de Colônia à Freguesia (1849-1859)*. Santa Cruz do Sul, APESC.
- MERLLIE, Dominique e PREVOT, Jean (1997). *La mobilité social*. Paris. Éditions La Decouverte.
- OLIVEN, Ruben (1999). „A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul.“ *In*: LEITE, Boaventura Ilka (org.): *Os negros no sul do Brasil. Invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis. Letras Contemporâneas: 13-30.
- PASTORE, José e SILVA, Nelson do Valle (2000). *Mobilidade Social no Brasil*. São Paulo, MAKRON Books.
- ROCHE, Jean (1969). *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Globo, 2 vol.,
- SANTOS, Joel Rufino (1996). “O Negro como Lugar.” *In*: MAIO, Marcos C. e SANTOS, Ricardo. *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz/CCBB, p. 219-224.
- SILVA, Nelson do Valle (1986). “O preço da cor: diferenciais raciais na distribuição da renda no Brasil.” *Pesquisa e Planejamento Econômico*, v. 10/21-44, n.º 1, São Paulo.
- SILVEIRA, Rogério L. (1997). *A produção da periferia urbana em Santa Cruz do Sul/RS: o lugar dos safristas na terra do fumo*. Florianópolis (Dissertação de Mestrado em Geografia Urbana/UFSC).
- TOURAINÉ, A. e RAGAZZI, O (1975). *Les ouvriers d'origine agricole*. Paris. Ed. d'Aujourd'hui.
- VOGT, Paulo Olgário (1997). *A produção do fumo em Santa Cruz do Sul: 1849-1993*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC.
- WINK, Ronaldo (2000). *Santa Cruz do Sul e sua evolução urbana: 1855-2000*. Santa Cruz do Sul. (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional/UNISC).

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. *Territórios das comunidades remanescentes de antigos quilombos no Brasil* – Primeira configuração espacial. 2. ed. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2000.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Estar aqui..., estar lá..., uma cartografia da emigração valadarensense para os Estados Unidos da América. In: REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa (orgs). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999. p. 125-166.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO. Versão Eletrônica, 2000.

BASSANEZI, Maria Silvia C. B. Migrantes no Brasil da segunda metade do século XIX. In: *XII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS*. São Paulo, 2000.

BIANCHI, Ana Maria. *Mobilidade, estratégia de sobrevivência*. São Paulo: IPE – USP, 1983. 84 p.

BLASS, Leila M. da Silva. *Gênero e trabalho: trajetórias de uma problemática*. In: ADORNO, S. A sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade. Porto Alegre: Editora Universidade – UFRGS, p. 139-148, 1995.

BOISIER, Sergio. ¿Y si el desarrollo fuese una emergencia sistémica? IN: *REDES*, Santa Cruz do Sul, v.8, n.1, p. 9-42, jan/abr. 2003.

BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo. Petrópolis: Editora Vozes. 1998.

BRÜSEKE, Frans Josef. O problema do desenvolvimento sustentável. In: CAVALCANTI, Clovis. *Desenvolvimento e natureza: Estudos para uma sociedade sustentável*. São Paulo: Cortez Editora, 1995. p. 29-40.

CARDOSO, Teresa; RIBEIRO, J. Cadima. Economia para o homem e desenvolvimento regional: contribuição para um pensamento e uma política regional alternativa. *REDES*, Santa Cruz do Sul, v.6, n.1, p. 7-23, jan./abr. 2001.

CARVALHO, Maria Cecília M. de. *Construindo o saber: metodologia científica, fundamentos e técnicas*. 3. ed. Campinas: Papirus, 1991.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CENSO demográfico 2000: Banco de dados agregados do IBGE. Disponível em: <<http://ibge.gov.br>>

CONCEPCIÓN SANCHEZ, Quintanar. Características socio económicas de migrantes de retorno y de sus comunidades de origen. Puebla México. VI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA RURAL. Porto Alegre, Universidade do Rio Grande do Sul, 25 a 29 de novembro de 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A de; SILVEIRA, Maria Laura. (orgs). *Território: Globalização e fragmentação*. São Paulo: Editora Hucitec-ANPUR, 1994. p. 15-20.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Migracion, integracion y capital social: desafios al desarrollo local. In: VICENTE, Andrés Solari. *Desarrollo local, innovaciones y redes empresariales*. 1º edición. UMSNH – Universidad Michoacana de San Nicolas de Hidalgo, 2002.

_____. Mobilidade e desenvolvimento regional: o caso da comunidade afro-brasileira de Santa Cruz do Sul. *REDES*, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 1, p. 53-80, jan/abr 2001.

_____. Migração, capital social e desenvolvimento regional. VI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA RURAL. Porto Alegre, Universidade do Rio Grande do Sul, 25 a 29 de novembro de 2002.

_____. Migração e a (re) construção do capital social. In: CORREA, Sílvia Marcus de Souza (org.). *Capital social e desenvolvimento regional*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC. 2003. p. 303-334.

CORREA, Sílvia Marcus de Souza. SEITENFUS, Alan. (Re) fluxos migratórios e desenvolvimento regional: Um estudo de caso no Vale do Rio Pardo. VI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA RURAL. Porto Alegre, Universidade do Rio Grande do Sul, 25 a 29 de novembro de 2002.

COREDES. *Estratégias regionais pró-desenvolvimento do Rio Grande do Sul*. UNIVATES, 2002.

DA MATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 9ª edição, 1998.

DOTTO, Dalva Maria Righi et al. Estudos regionais comparados: reflexões sobre o capital social. *REDES*, Santa Cruz do Sul, v. 8, n. 1, p. 151-163, jan./abr. 2003.

FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura: Globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Editora Studio Nobel, 1997.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de Gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

GEIGER, Pedro. Des-territorialização e espacialização. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A de; SILVEIRA, Maria Laura. (orgs). *Território: Globalização e fragmentação*. São Paulo: Editora Hucitec-ANPUR, 1994. p. 233-246.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIULIANI, Silvia. *São Miguel: origens de uma comunidade afro-brasileira*. 2001. 90 f. Monografia (Especialização em História Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2001.

GUATTARI, Felix. Em busca de identidade. In: ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1993. p. 66-75.

GUENGANT, Jean-Pierre. “*Migrations internationales et développement: les nouveaux paradigmes*”, Revue européenne des migrations internationales. Poitiers, v. 12, n.1, 1996.

GUIMARÃES, N. C.; CARDOSO, A.; CARUSO, L. Trajetórias ocupacionais, desemprego e empregabilidade: há algo de novo na agenda dos estudos sociais do trabalho no Brasil? In: SOBRAL, F. F.; PORTO, M. E. G.; *A contemporaneidade brasileira: dilemas e desafios para a imaginação sociológica*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

HARTUNG, Miriam F. Parentesco, casamento e Terra em um grupo rural de negros em Santa Catarina. In: LEITE, Ilka Boaventura. *Negros no sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade*. Ilha de Santa Cartarina, Letras Contemporâneas. 1996. p. 105-130.

HOMMES & MIGRATIONS. “*Migrants acteurs du développement*” Paris: mai, n. 1165, 1993.

INSTITUTO RIOGRANDENSE DO ARROZ. Censo orizícola 2000. Porto Alegre, 2000.

JANNUZZI, Paulo de Martino. *Migração e mobilidade social: migrantes no Mercado de trabalho paulista*. Campinas: Autores Associados, 2000.

LIBERCIER, Marie-Hélène. SCHNEIDER, Hartmut. Les Migrants. *Partenaires pour le développement* Paris, OCDE. 1996.

MARRONI, Maria da Gloria. La búsqueda Del sueño americano: la migración internacional y sus repercusiones en el campo mexicano. VI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA RURAL. Porto Alegre, Universidade do Rio Grande do Sul, 25 a 29 de novembro de 2002.

MARGOLIS, Maxine L. *Little Brazil: Imigrantes brasileiros em Nova York*. Campinas: Papyrus, 1994.

MARTINS, Pedro. “Três vivas pra São João Maria!” (Os cafuzos conquistaram a Terra prometida). In: LEITE, Ilka Boaventura. *Negros no sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade*. Ilha de Santa Cartarina, Letras Contemporâneas. 1996. p. 57-75.

MELO, Lígia A. de. Gênero: da omissão à invisibilidade. In: XII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2000, São Paulo.

MENEZES, Marilda Aparecida de. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: Um Estudo de Famílias de Camponeses Migrantes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

MORAES, Jorge Luiz Amaral de. Capital social e desenvolvimento regional. In: CORREA, Sílvio Marcus de Souza (org.). *Capital social e desenvolvimento regional*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC. 2003. p. 123-148.

PASTORE, José; SILVA, Nelson do Valle. *Mobilidade social no Brasil*. São Paulo: Makron Books, 2000.

PASTORE, José. *Desigualdade e mobilidade social no Brasil*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1979.

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de. JUNIOR, João Cleps. Integração dos migrantes rurais no mercado de trabalho em Montes Claros –Norte de Minas. VI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA RURAL Porto Alegre, Universidade do Rio Grande do Sul, 25 a 29 de novembro de 2002.

PERROUX, François. In: DURAND, José. C. G. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

PINTO, L. A Costa. *Sociologia e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

PUTNAM, Robert. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2002.

QUIMINAL, Catherine. *Migration et cooperation internationale: le role des immigrés dans les projets de développement et les formes de cooperation dans la region du fleuve Sénégal*. Paris, OCDE, 1994.

SALES, Teresa; BOENINGER, Rosana. Migrações internas e internacionais no Brasil: panorama deste século. In: *Travessia*, jan./abr. 2000. p. 33-48.

SÁNCHEZ, Sergio Cortés. Emigración de poblanos em el decenio de los noventa. VI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA RURAL. Porto Alegre, Universidade do Rio Grande do Sul, 25 a 29 de novembro de 2002.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A de; SILVEIRA, Maria Laura. (orgs). *Território: Globalização e fragmentação*. São Paulo: Editora Hucitec-ANPUR, 1994. p. 15-20.

_____. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1992.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. In: *Travessia Especial*, jan. 2000.

SCHILLER, Nina Glick; FOURON, Georges. “Laços de sangue”: os fundamentos raciais do Estado-nação transnacional. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; CAMPINHA, Graça. *Estudos de cultura e poder*. São Paulo: Hucitec, 2000.

SIEDENBERG, Dieter Rugar. Uma abordagem epistêmico-sistêmica do conceito de desenvolvimento. *Revista de Estudos de Administração*. Ijuí. N.3, p. 5-10. jul/dez. 2001.

SIEDENBERG, Dieter; BASSAN, Dilani Silveira. Desenvolvimento desigual na região do Vale do Rio Pardo. In: *Redes*, Santa Cruz do Sul, v.8, n. 1, jan./abr./ 2003. p. 121-150.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

SILVA, Josiane Abrinhosa. A Casca: herança e territorialidade. In: LEITE, Ilka Boaventura. *Negros no sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade*. Ilha de Santa Cartarina, Letras Contemporâneas. 1996. p. 77-90.

SOARES, Weber. Emigração e (i) mobilidade residencial. Momentos de ruptura na reprodução/continuidade da segregação social no espaço urbano. In: REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa (orgs). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999. p. 167-186.

VEIGA, José Eli da. *Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*. Campinas: Autores Associados, 2002.

YATÈRA, Samba. *La Mauritanie. Migrations et développement dans la region du fleuve Sénégal*, coll. “ Alternatives rurales”. Paris, L’Harmattan. 1996.

ZAMORA, Rodolfo Garcia. “Migración internacional y los proyectos productivos con los migrantes en México. VI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA RURAL. Porto Alegre, Universidade do Rio Grande do Sul, 25 a 29 de novembro de 2002.

ⁱ Resultados semelhantes foram obtidos por Hasenbalg (1985) e Pastore e Silva (2000).